

**Uma proposta de reflexão sobre a representação da experiência de
violência
política e corporal extrema em *K. Relato de uma busca*, de Bernardo
Kucinski**

Cristiane Amorim Trindade¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: *K. Relato de uma busca* é a primeira produção ficcional do escritor, jornalista e ex-professor da Universidade de São Paulo (USP) Bernardo Kucinski. O livro foi publicado pela primeira vez pela editora Expressão Popular em 2011, recebendo desde então traduções para o alemão, espanhol, italiano e hebraico, dentre outros idiomas. A narrativa de *K.* se constitui com base na história de Ana Rosa Kucinski, irmã de Bernardo Kucinski. Então professora do Departamento de Química da Universidade de São Paulo (USP), Ana “desapareceu” em 22 de abril de 1974, durante os conhecidos *anos de chumbo* da ditadura civil-militar brasileira, sob o governo Geisel, por militar em organização de esquerda com seu companheiro à época, Wilson Silva. Embora existam, nos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), registros da data em que Ana e Wilson foram presos, seu paradeiro nunca foi identificado e seus corpos nunca devolvidos à família. Apesar de ficção, *K.* é resultado de um complexo trabalho de anamnese empreendido pelo autor que durou mais de trinta anos. Já no título a referência a Kafka é patente, Kucinski cria, em meio a uma simulação biográfica, uma complexa estrutura ficcional ordenada pelo olhar de seu pai. Procurando a filha, *K.* se depara, como a conhecida personagem Josef K. do romance *O processo* de Franz Kafka, com a necessidade de um esforço ao mesmo tempo brutal e patético para lidar com a burocracia das instituições a que precisa recorrer em sua busca, que não fazem mais que do esconder o modo pelo qual atuam e criam suas próprias regras, engendrando um cerimonioso labirinto do qual *K.* não é capaz de sair e que o leva sempre ao mesmo lugar, ao ponto inicial de sua busca. Essa estrutura elíptica associa-se, no romance, a fatos ocorridos que a narrativa não explicita mas deixa entrever: a tortura da filha, seu assassinato e o desaparecimento de seu corpo acompanhados pelo silêncio do Estado, que promovia ele mesmo essas atrocidades, são como fantasmas que acompanham *K.* do momento em que percebe que sua filha foi desaparecida à última página do livro. O enredo se constitui, desse modo, a partir da ausência imposta de Ana Rosa Kucinski, em que o real se conduz pela falta. A objetivo desta pesquisa é abordar o tema do desaparecimento forçado no contexto de repressão ditatorial brasileira pós-1964 a partir da obra *K. Relato de uma busca*. Busca-se pensar em primeiro lugar a natureza problemática de uma restituição da memória dos desaparecidos por meio da impossibilidade de *restitutio ad integrum* em casos de graves violações aos direitos humanos. Propõe-se que a narrativa de *K.* repensa a temática do desaparecimento forçado e suas implicações na contemporaneidade brasileira, dando a pensar também outras atribuições ao sujeito enquanto testemunha, como sua responsabilidade pessoal quanto à memória dos desaparecidos. Acredita-se que a narrativa propõe alguns núcleos temáticos de análise, dos quais dois serão objeto dessa investigação: (i) o desaparecimento forçado de civis durante o regime civil-militar em vigor no Brasil entre 1964 e 1985 e (ii) a violência política associada à omissão do Estado frente ao esclarecimento

¹ E-mail: trindade.a.cristiane@gmail.com. Este artigo é parte de um projeto maior, intitulado *Literatura e justiça transicional no Brasil: uma análise comparativa das obras Em câmara lenta e K. Relato de uma busca*, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e orientado pelo Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann-Silva.

do contexto e local das mortes das vítimas, além de tentativas forçadas de promoção de reconciliação sem uma real resposta à demanda dos familiares de mortos e desaparecidos. Propõe-se por fim que o pacto ficcional assumido pela obra pressupõe a possibilidade de uma memória do desaparecido forçado, ainda que não completa, a partir da presentificação de sua ausência. Nesse sentido empreenderemos uma reflexão sobre as estratégias narrativas utilizadas para tecer representações adequadas à experiência da violência política e corporal extrema. Para isso, a condição do desaparecido político será pensada como paradoxal, conforme Gabriel Gatti (2010), porque representa o assassinato dos produtos mais acabados das políticas de construção e gestão da população na América pós-colonial e acarreta impasses insolúveis em relação às leituras da identidade e linguagem do indivíduo-cidadão, demandando novas reflexões sobre suas estratégias de representação.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Ditadura civil-militar brasileira. K. – relato de uma busca. Desaparecimento forçado.